

# PARTICIPAÇÃO DA CRIANÇA NA MÍDIA: DIREITOS E DESRESPEITOS<sup>1</sup>

Vânia Lúcia Quintão Carneiro

## RESUMO

Considerando a importância da mídia na socialização da criança e o seu direito de participação na mídia, este trabalho apresenta um estudo sobre a participação de uma criança em um programa de TV. Constatou-se que o recurso principal de entretenimento usado no programa, invocava, de forma aparentemente ingênua, brincadeiras infantis com bonecos de molas ou cordas. Por meio de tais recursos, transformava-se em situação cômica, qualquer situação real ainda que dolorosa e contrária aos direitos da criança, atendendo prioritariamente aos interesses mercantilistas da emissora, medidos pelos índices de audiência. Tais mecanismos dificultavam a percepção das violações dos direitos da criança encobertas pelo riso. Conclui-se que o respeito ao direito à participação da criança na mídia pressupõe que sejam preservados seus direitos à proteção contra toda forma de exploração.

**Palavras-chave:** mídia; participação; criança; direitos; desrespeito

## ABSTRACT

Given the importance of media in the socialization of children and their right to participate in the media, this paper presents a study on the participation of a child in a television program. It was found that the main resource used in the entertainment program, invoked, in a seemingly naive, childish dolls with springs or strings. Through such features, turned into comic situation, any real situation even though painful and contrary to the rights of children, primarily serving the mercantilist interests of the issuer, as measured by ratings. Such mechanisms hindered the realization of child rights violations encobertas by laughter. We conclude that respect for the right to participation presupposes that it is preserved the rights of child protection.

**Keywords:** media; participation; children; rights; disrespect

---

<sup>1</sup> Baseado nos trabalho da autora: Fazer rir... a que preço? Desrespeito e comercialização da liberdade infantil apresentado no GP Comunicação e Educação do IX Encontro dos Grupos/Núcleos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2009.

Até que ponto a presença de crianças na mídia, em especial nos canais de televisão aberta, pode ser considerada como o exercício do direito à participação das crianças?

A participação da criança na mídia é um direito reconhecido pela Convenção sobre os Direitos da Criança (1989), ratificada por 193 países. Nesta convenção também se reconheceu o direito de opinar sobre os assuntos que lhe dizem respeito, o direito à liberdade de expressão e ao acesso à informação.

Este reconhecimento legal de novos direitos das crianças, antes restrito à proteção, pressupõe que a mídia assuma suas responsabilidades sociais e valorize as práticas de expressão e participação na mídia por parte de crianças e adolescentes, visto que são sujeitos em formação, respeitando-lhes o direito à dignidade. Espera-se que as inovações promovam representações mais positivas das crianças na mídia, distintas das que se observam comumente nos canais comerciais, onde predominam imagens de “sorridentes crianças-propaganda” ou das sofridas vítimas de maltrato e de crimes hediondos”. Faz-se necessário, ainda, que, além de vistas, as crianças sejam também ouvidas: “(...) não só são raramente vistas como também suas vozes são raramente ouvidas” (FEILITZEN, 2002, p. 22).

Análises de experiências de produção de mídia, por parte de crianças e adolescentes, mostram que a participação criativa destes fortalece-os, aumenta sua autoestima e a compreensão da sua e de outras culturas. Isso tem evidenciado a necessidade de que, ao lado do esforço para a oferta de programas infantis com conteúdos de qualidade, deve haver espaços para que as crianças participem, falem por si mesmas, com suas palavras, e que suas imagens infundam respeito e dignidade (CARLSSON; FEILITZEN, 2002; CARNEIRO, 2005; ROCHE, 2000).

A influência da televisão aberta na socialização das crianças não se limita aos programas para audiências infantis, pois estes são cada vez são mais escassos. Os programas de audiência familiar constituem referências importantes na concepção de infância e do papel dos adultos em relação às crianças, principalmente, no caso de grandes segmentos da população, cujas fontes de informação e diversão restringem-se, quase que unicamente, à televisão gratuita. Em geral, a presença de criança nos programas de televisão atrai a atenção de audiências de criança. Às crianças agradam ouvir o que pensam e sentem outras crianças (JEMPSON, 2002, p. 130).

Procurando exemplificar o que dissemos até aqui, apresentamos a seguir, como ponto de partida para as análises que faremos posteriormente, um caso do Programa *Sílvio Santos*:

No programa do *Sílvio Santos* (SBT), de 3 de agosto de 2008, estreou o quadro “Pergunte a Maísa”, em que o experiente apresentador *Sílvio Santos* entrevistava Maísa, uma criança de seis anos. As graves situações de constrangimentos à criança denunciadas em dois programas (10 e 17 maio 2009) levaram a justiça a retirar o quadro do ar no dia 25 de maio de 2009. O apresentador foi acusado por órgãos públicos – Ministério da Justiça, Ministério Público Federal, Conselho Nacional dos Direitos da Criança e do Adolescente e Juizado da Infância e da Juventude de Osasco –, de exploração do trabalho infantil e por atitudes que desrespeitavam o direito à dignidade da criança. Foi aberto inquérito Civil Público pelo Ministério Público Federal (portaria nº 72 de 19 de maio de 2006).

Vale ressaltar, que na Universidade de Brasília (UnB), o grupo de extensão e pesquisa *Educamídia*, com o apoio de educadores, funcionários e estudantes, em especial do departamento de Métodos e Técnicas-MTC, da Faculdade de Educação (FE/UnB), elaborou uma proposta de medida reparatória exigindo do SBT a inserção, em sua grade diária, de uma programação infantil lúdica e educativa. Tal proposta teve a acolhida da procuradoria jurídica da UnB e deu origem a uma representação da Universidade dirigida a Procuradoria Regional dos Direitos do Cidadão, em 14 de julho de 2009 (FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE de BRASÍLIA, 2009).

Por outro lado, o Ministério das Comunicações (Minicom), em outubro de 2009, encerrou a sua investigação sobre a denúncia das infrações, alegando não ter havido infração aos direitos da criança evidenciadas nos dois programas de 10 e 17 de maio de 2009. No parecer se afirmou que “o estresse físico e emocional apontado pelo Ministério Público Federal foi involuntário e a desenvoltura da menina no palco ao longo do programa demonstrou que ela não se sentiu ofendida nos diálogos com *Sílvio Santos*” (jornal *O Dia*, 06/10/2009 apud CARNEIRO, 2009).

A partir desses fatos, apresentaremos análises procurando elucidar o que de fato funcionava por “entre” os espaços da brincadeira e do lúdico – supostos na forma destes tipos de programas – que desrespeitam os direitos da criança, principalmente a liberdade à infância. Buscaremos em Bergson (2007) o suporte conceitual que problematiza o significado da comicidade visando conhecer os mecanismos da produção do riso. A comédia, segundo Bergson (2007, p. 50) é uma brincadeira que imita a vida. Daí, sugerir que se nas brincadeiras infantis manipulam-se bonecos e fantoches por meio de cordões seriam então, esses fios que devemos buscar nas situações de comédia.

Para isso, selecionamos alguns vídeos curtos de programas do *Sílvio Santos* postados no Youtube. Na primeira parte do artigo intitulada *A menina inteligente que brinca com um boneco* são analisados vídeos recortados de programas de 2008 e de 2009 em

que aparentemente a menina tinha controle da situação, do diálogo e das respostas. Na segunda parte A boneca que tem medo e chora, analisam-se vídeos dos dois últimos programas (10 e 17 de maio) que apresentam as situações explícitas de constrangimentos que motivaram as denúncias. Em Considerações finais, confrontam-se as duas primeiras partes.

## À MENINA INTELIGENTE QUE BRINCA COM UM BONECO

A repercussão do quadro “Pergunte a Maísa” – apesar de críticas a aspectos comerciais e caricatos – parecia, neste primeiro momento, reverenciar não apenas a menina inteligente, divertida, que fazia rir de suas gafes e de suas respostas espontâneas (fabricadas ou não), mas, sobretudo, sua irreverência diante de um apresentador consagrado, hábil, experiente, poderoso: o dono da emissora. Apelidada ambigualmente de “petiz”, “Maísa Robô” e “Malisa”, a imagem da menina esperta provocava o riso e uma avalanche na audiência de outras emissoras. A interlocutora, criança de 6 anos, parecia deter o “papel” de tomar a palavra, interromper e replicar.

Como se dava essa participação de Maísa na produção do riso nestes programas? Até que ponto o programa transmitia uma imagem positiva de respeito e dignidade?

Buscamos desvendar nas situações selecionadas a presença dos procedimentos de fabricação da comicidade: a repetição, a inversão e interferências das séries – definidos por Bergson (2007, p. 66).

A inversão estava presente no próprio formato do quadro, em que uma criança de seis anos responde a perguntas sobre as quais sequer se colocou, elaboradas por adultos, como se fosse um deles. Está presente, ainda, a ambiguidade da “personagem criança” de seis anos, cujas vestes e penteados de crianças de tempos antigos evocam o mito Shirley Temple de menina prodígio, em contraposição a uma aura de “inocência” que torna ainda mais surpreendentes as respostas e atitudes adultas dessa criança angelical.

Considerando que os vídeos apresentavam, predominantemente, situações em que um “todo poderoso apresentador” era desafiado por uma criança de 6 anos, até que ponto ele poderia ser interpretado como um boneco cujos cordões a menina controlava? Ou seria o contrário?

O fato de os internautas e telespectadores darem a impressão de estar do lado da menina esperta reforça a primeira ideia: os espectadores viam o apresentador como boneco. Como explica Bergson (2007, p. 57), seja por instinto natural ou por imaginação, todo mundo prefere “enganar a ser enganado, é do lado dos espertos que o espectador se põe”.

### MAÍSA DIZ: “VACA É SUA MÃE, SILVIO!”

Examinando no programa do dia 26 de outubro de 2008 a sequência em que foi pronunciado o “Vaca é sua Mãe”, observa-se que há também um conflito entre duas obstinações e com esta fala a menina parece vencer o jogo e se diverte.

Silvio Santos	Maísa	Auditório
(...) a gente fala é da boi.	– É da vaca, gente! Não é verdade que vaca é mulher e touro é homem?	- É!!!
– Não me vem chamar de touro. Não. Não. Touro não é homem. Touro não é homem.	– Tanto faz, né, gente? Tem qualquer um. Mas touro já é de homem. E vaca é de mulher	
– Maísa, quer dizer que você é uma vaca?	–	
– Você é uma vaca e eu sou o touro?	– Vaca...	
– É. Você falou.	– Vaca??? É sua mãe, Silvio. Sua mãe!!!	

Fonte: Vídeo YouTube<sup>1</sup> postado por Bianca Jennifer

Segundo lei enunciada por Bergson (2007, p. 54), os efeitos cômicos numa repetição de palavras no teatro devem-se à presença de dois termos: “um sentimento comprimido que se estira como uma mola e uma ideia que se diverte a comprimir de novo o sentimento”. Observa-se que apesar da palavra e da performance final serem da menina – o que pode passar a ideia de que a obstinação mecânica era a de Silvio que cedeu à da menina inteligente e esperta –, os diálogos parecem mostrar que Silvio Santos foi quem primeiro apertou uma mola ao insinuar que ela seria uma vaca: – “Maísa, quer dizer que você é uma vaca?”

1 Ver vídeo postado por Bianca Jennifer. Disponível em <<http://www.youtube.com/watch?v=kRQGTDVIX-0&feature=related>>. Acessado em: 10/04/ 2009.

Neste mesmo programa, em outro diálogo em que aparece o recurso da repetição, Silvio, que insiste em mostrar a menina Maísa como uma mercadoria comprada por 35 mil reais de um devedor, diverte-se com a ideia de reduzi-la a um produto, para que o sentimento comprimido possa estirar-se. Mas, ao que parece, ao ser comprimido de forma tão vil, o sentimento fragilizou-se, perdeu a força da obstinação: a menina duvida, recua, pede ajuda ao auditório, debate, mas não consegue estirar-se, embora tente, forçosamente, fazer-se de contente e dar a volta por cima.

Silvio Santos	Maísa	Auditório
– Mas quantos você tinha quando começou naquele programa da Rouge (Raul Gil) ?	(mostra 3 anos)	
– Três anos. Agora você tem 8, né? Oito anos?	– Seis	
– Você tem só seis. Parece que tem mais. Posso continuar? Por que você foi àquele programa?	– Porque na época eles tinham um concurso, aí eu passei. Aí fiquei lá (...). Aí agora você me chamou e eu vim para seu programa.	
– Eu não te chamei. Não.	– O SBT, então.	
– Não. Você tem que saber a história verdadeira. É que o Raul Gil me devia 35 mil reais. Como ele não tinha dinheiro para pagar ele mandou você.	– Gente, até parece. Até parece.	
– Eu comprei você por 35 mil reais.	– Comprou?	
– Você agora é propriedade minha.	– Gente, você acha que pessoa deve ser comprada?	Não!
– Mas você foi comprada.	– Comprada... Eu sou da minha mãe e do meu pai.	
– Era. Era da sua mãe e do seu pai.	– Eu sou.	
– Era.	– Sou.	
– Eu comprei você.	– Comprou não.	
– Sim, senhora.	– Mas você não é meu pai.	
– Eu nem quero ser pai de menina peralta como você.	– Peralta: que é isso?	
– Peralta que tem perna alta.	– Então, eu tenho perna alta? Tenho?	Não tem!

Fonte: Vídeo YouTube<sup>1</sup> postado xpor Bianca Jennifer.

#### “VOCÊ USA PERUCA?”

No programa do dia 16 de novembro de 2008, um diálogo é iniciado pela menina com uma pergunta sobre o uso de peruca, que apesar do caráter de “pergunta plantada”, de espontaneidade duvidosa, num primeiro momento parece reforçar a posição da menina esperta, que desafia e vence o Silvio Santos.

Silvio Santos	Maísa
	– Silvio, uma pergunta que meus amigos fazem: é verdade que você vai ao cabeleireiro e que é um tipo de peruca que você bota no cabelo, assim?
– Você tem alguma coisa a ver com o meu cabelo?	– Eh!!! ele respondeu sim.

Fonte: YouTube<sup>2</sup> Postado por Robson Olindo.

1 Idem

2 Ver vídeo postado por Robson Olindo Disponível em <<http://www.youtube.com/watch?v=Pk1OQI3yTLI&feature=related>>. Acessado em: 8/06/2009

Pelo desenrolar do programa, esta pergunta pode parecer uma simples “concessão” ou “pretexto” para justificar o ataque que se seguiria em forma de monólogo:

Silvio Santos	Maísa	Auditório
– Maísa, fiquei vendo seu programa quando você começou a sua carreira... Você era muito ruim, feia, desajeitada. A roupa era feia, o cabelo era feio.		
– Você agora é toda bonita, toda simpática, sorridente, inteligente. É só insubordinada, o resto melhorou muito.		
– O que você espera fazer daqui a dois ou três anos, quando o público não der mais bola para você?		
– Porque agora você agrada o público, você é uma menininha de seis anos que responde como gente grande.		
– Mas, daqui a uns quatro anos, quando você tiver dez anos e já for uma mocinha, você acha que o público vai gostar de você?		
– Você não acha que isso vai ser um trauma para você?		
– Você sabe o que é trauma?		
– Não. Por que você fez esta cara triste se não vai ser um trauma?		
– Ha!Ha!Ha!	– Ha!Ha!Ha!	

Fonte: Vídeo do Youtube <sup>1</sup> postado por Robson Olindo

A resposta silenciosa da menina não foi ouvida; o que ecoou foi a imitação do riso forçado que aprendera com o mentor, a sinalização de que o “show deveria continuar”. O apresentador parecia ter diante de si não uma pessoa, muito menos em formação, mas uma boneca descartável, um produto de consumo não durável, pelo qual pagara 35 mil reais, que lhe rendiam altos índices de audiência, com um prazo de validade, no entanto, prestes a expirar, dentro de 2 ou 3 anos. E continuava a insistir em perguntar à criança sobre o futuro que, já predissera, seria traumático: “O que você espera fazer daqui a dois ou três anos, quando o público não der mais bola para você?”

Embora a criança respondesse com silêncio, ele não a ouvia e reelaborava a mesma pergunta: “Quando você tiver 10 anos, aí, você não vai ser mais uma curiosidade, uma atração. O que pretende fazer da sua vida?”

A menina tentou em vão mudar o assunto, mas não foi ouvida. O apresentador continuava a insistir, autoritariamente, a forçar, insensivelmente, obrigando-a a discutir um assunto que, não apenas não lhe interessava como a perturbava, fazendo-a temer pelo seu futuro, seu desenvolvimento, pelo vir a ser adulta de fato.

Neste quadro “Pergunte a Maísa” não havia diálogo. O apresentador detinha autoritariamente a orientação temática e a condução do diálogo, o que o aproximava de outros “diálogos” estudados por Rocco (1989, p. 181), permitindo asseverar que era, na verdade, uma “simulação” de diálogo. E, o que é pior: desrespeitava os direitos da criança à proteção, expressão e participação digna na mídia.

## A BONECA QUE TEM MEDO E CHORA

Passaram a circular, depois dos programas dos dias 10 e 17 de maio de 2009, uma variedade de clipes com os títulos relacionados a choro, grito, medo ou dor, vivenciados por Maísa em 3 episódios constrangedores a que foi submetida nesses dois programas: “Maísa dentro da mala”, “Maísa chorando”, “Maísa bate a cabeça e sai chorando”, “Maísa chorando e gritando no palco”, “Maísa chorando de novo”.

A novidade maior foi o choro de Maísa. Apesar de todas as situações por que passara, não havia ainda chorado; demonstrara tristeza, frustração, mas parecia uma menina de bem com a vida, feliz, encantadora. Parecia já ter aprendido algumas lições sobre o sorriso forçado, falso/fingido (Ha, há!), sinalizando que o show deve continuar, embora o mesmo não ocorrera em relação a técnicas de fingir chorar utilizadas por atores. Numa das tentativas de fazê-la chorar na TV “para ser atriz”, sugeriram que ela pensasse em seu cachorro que morreu, “eu nem gostava do cachorro”, respondeu. Silvio replicou: “Você não consegue (chorar)

1 Idem

nem pensando no cachorro que morre!?” (2/11/09 ) Este cachorro seria novamente lembrado pelo Silvio em outro programa para acusá-la: “Você matou o cachorro!” Ela se defende: “Não matei! ele foi atropelado!” (18/01/09).

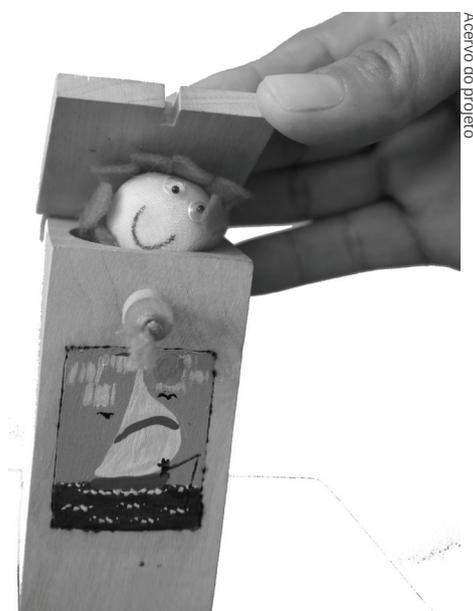
O desafio dos produtores de programas de auditórios é a “*produção da espontaneidade*” que exige saber produzir e manter a emoção (MIRA [s/d], p. 189).

Daí que a condição infantil de Maísa parecia ter sido explorada de todos os modos, para produzir emoção, não importava se desrespeitando os sentimentos da criança, seus direitos, seus medos, sua dor, seus pontos fracos, desconhecimentos, erros, fragilidades.

Os temas de adulto eram insistentemente perguntados em questões relacionadas a sexo e a dinheiro. Como, por exemplo, o que é: ginecologista, beijo, dinheiro, salário, nota violenta, ciúme, enamorar, desodorante, pagamentos. Ou: “Você tem namorado?”; “O que os namorados fazem juntos?” (18/01/09). As respostas eram interpretadas do ponto de vista do adulto, o que significava uma abordagem da participação da criança na mídia contrária às recomendações favoráveis como indicam as pesquisas de McCrum e Hughes (1998 apud JEMPSON, 2002, p. 120-121 ). A exploração do seu trabalho não era novidade: “Estou cobrindo as férias de Priscila e de Yuki. (...) Todo dia eu estou lá ralando” (25/01/ 2009). Mas o pior ainda estava por vir.

Os episódios a seguir dão visibilidade ao tratamento desrespeitoso, à falta de direito à liberdade e à dignidade que, de certo modo, já aconteciam em outro grau.

#### SILVIO SANTOS TRANCA MAÍSA DENTRO DA MALA!



**Figura 1.** Boneca de mola

(Fig.1). Uma criança tenta tampar a mala e a boneca insiste em sair, e quanto mais a achata, mais alto ela pula. O que pode ser visto, segundo Bergson (p. 49), como o “conflito entre duas obstinações, das quais uma, puramente mecânica, acaba ordinariamente por ceder à outra, que com isso se diverte” (p. 49). Só que, no caso, a boneca não era material, nem era representado por uma atriz, era a própria menina Maísa, ao vivo.

#### SILVIO SANTOS FAZ MAÍSA CHORAR

Neste mesmo programa, após haver passado pela “experiência” de ser trancafiada dentro de uma mala, chorará, pela primeira vez, de pavor. Maísa aparece no palco apreensiva e chama Silvio Santos ao canto, para lhe contar de seu medo e pedir que o menino de máscara não seja chamado. Silvio dissimula: “Você está com medo?”; “Alguém te bateu?”. Ela, insegura, desconfiada, começa a chorar. Silvio Santos desrespeitando a confiança que a criança acabara de lhe depositar e ignorando o seu pedido, chama um menino que está com figurino e uma maquiagem de “monstro”, amedrontador para Maísa, que sai chorando, apavorada. O rapazinho entra sorrindo, mas, ao ouvir a menina gritando, nota-se em seu rosto um constrangimento.

O dono do baú, para provocar o riso deste drama pessoal da menina, por ele causado, sentencia que é tudo diversão/encenação e convoca todos ao riso: “Ela é muito engraçada!”; “Cadê a Maísa?”; “Ela fugiu”; “Essa Maísa não tem mais jeito”. Enquanto isso a menina, gritando histérica (“Não quero!”), revela-se ser ela própria, uma criança que tinha medo de máscara, pavor de menino monstro.

Conseguido o choro no dia 10, que certamente significou elevação de índices de audiência – que se traduzem em faturamento –, o que importava no domingo seguinte era prolongar essa emoção.

A situação foi de constrangimento, crueldade, submissão, humilhação. Silvio diz não querer conversar com a garota: “Porque na semana passada você deu vexame, ficou chorando no palco como se fosse uma criancinha de um mês de idade”. Silvio qualificou de “vexame” o que acontecera no dia anterior. Comparou seu choro ao de um recém-nascido. Maísa pediu-lhe para não falar do choro. Silvio negou que estivesse falando do seu choro, para afirmar novamente que ela ficou chorando. E apesar de ela dizer, mais uma vez, que não gostava da temática, ele insistiu, culpando-a e atribuindo a seu choro um caráter de choro mecânico, de atriz: “Você não gosta de chorar? Mas chora à toa. Você parece atriz de cinema. Você parece atriz de televisão: qualquer coisinha você chora.” Em programas anteriores ela havia revelado não ter competência artística para fingir chorar. Determinado a continuar falando do tema para vê-la chorar, habilmente, dissimula e fala do choro ao pedir a adesão do público: “Eu estou falando alguma coisa para ela chorar?” A menina explica que ficara magoada por ele dizer que ela havia chorado. Assim, chorando, inconsolavelmente, sai correndo em busca do colo da mãe, mas, ao passar pelas câmeras, bate a cabeça em uma delas e a dor física amplifica seu choro. Silvio Santos diz: “Coitada, ela machucou a cabeça”, para em seguida voltar a falar do choro reduzindo-o a uma questão de “banca de artista”. E incita o público a chamá-la de medrosa.

**Primeira volta:** Maísa volta ao palco; ainda ao som de “medrosa!” no fundo, ela retoma o palco; reclamando da dor, volta para pedir a seu patrão permissão para sair do palco: “posso ir lá para minha mãe?” Silvio tenta detê-la, mas dá a permissão. Num curto diálogo, ele diz: “Vem cá”, seis vezes; além de perguntar se iria voltar. Por sua vez, ela também demonstra sua obstinação em sair, insiste que quer a mãe, declara amá-lo: “Eu amo você”, usa o argumento da dor e o nome de Deus “Ô Silvio, pelo amor de Deus, está doendo muito a minha cabeça”.

**Segunda volta:** mais uma vez retoma ao palco (pressionada pela mãe) para justificar-se perante o “seu patrão”: “Ô Silvio, deixa eu esperar sarar, depois eu volto”, e sai outra vez para os bastidores. Em sua ausência, mais uma vez Silvio Santos minimiza a complexidade do que vivenciava a menina, para caracterizar a situação como mera encrenca causada por uma “mulher encrenqueira”, escamoteando a condição de criança, o que lhe retira a responsabilidade sobre o acontecido: “(...) só briga, só briga. Que mulher encrenqueira!”

**Terceira volta:** Ao voltar ao seu patrão pela terceira vez, ainda se ouvia a voz de Silvio, ao fundo, apregoando impossibilidade de convivência matrimonial: “Que mulher encrenqueira! Quem vai querer casar com “esta mulher?” Nesta terceira e última volta, novamente se justifica e se compromete a cumprir uma responsabilidade que, legalmente, uma criança livre não poderia ter: “Silvio, meu Deus, tá doendo muito. Semana que vem eu gravo dois programas: este e o outro.”

Apesar da crueldade, estas situações de dominação e sujeição de uma criança pelo astuto apresentador provocaram o riso. Como ensina Bergson (2007, p. 58), qualquer cena dramática pode transformar-se em comédia; basta “imaginar que a liberdade aparente encobre uma trama de cordões”. Bastava pensar nas idas e vindas da menina, neste último episódio, como movimento mecânico do ir e vir determinado pelos puxões dos cordões de um boneco (Fig.2) pelo seu dono: “Vem cá Maísa!”, “Que menina engraçada!”, “Que mulher encrenqueira!”

Concluiu-se que o mecanismo de fazer rir, na verdade, não era exercido sobre uma boneca de mola e cordas, nem tampouco pela representação artística dessa boneca por uma atriz-mirim: tratava-se de tolher, comprimir a liberdade da criança de ser ela própria, de carne e osso, alegre, esperta, que sofre, chora e tem medo de careta.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para analisar a participação da menina Maísa, nos primeiros programas, observamos os trechos de clipes cuja repercussão na internet, por seus títulos, sugeriam uma imagem positiva da criança inteligente, esperta, divertida, que com voz própria parecia superar o hábil e consagrado apresentador. Num segundo momento, nos detivemos aos episódios que demonstravam o sofrimento de Maísa e seus constrangimentos públicos.

Com base na observação analítica do primeiro momento, foi possível encontrar situações de humilhação e dor nos programas, ainda que clipes de seus trechos sugerissem o contrário; nos últimos programas, encontramos procedimentos de riso quando predominavam dor e constrangimento. É uma constante, nos dois momentos, riso e desrespeito à criança como sujeito em desenvolvimento e a seus direitos,

Sobre o mecanismo de fazer rir, a obstinação da menina esperta, que respondia e agia como adulto às provocações do experiente e obstinado Silvio Santos, evoca a imagem de uma boneca cujo funcionamento mecânico, por cordas ou mola, era acionado pelo dono, que assim divertia. Isto também faz lembrar uma personagem cômica que “acredita estar falando e agindo livremente”,

mas, quando visto por outro lado, é um “simples brinquedo nas mãos de outra” que se diverte (BERGSON, 2007, p. 57). Mais grave é o fato de a criança não estar representando uma personagem de uma comédia: era ela mesma, mas sem ter consciência do papel que desempenhava ali e das interpretações adultas de suas falas espontâneas, afinal tinha 6 anos de idade, o que significa pouca experiência de vida. O apresentador, dono do baú, manipulava seu sentimento real, ora comprimindo-a como se fosse uma boneca de mola (Fig 1), ora puxando-a por uma corda como se fosse uma marionete de cordas (Fig.2).



**Figura 2.** Marionete de cordas

liberdade e de ser criança pelos índices de audiência.

Por fim, espera-se que tais revelações sob práticas glamorizadas de exploração das crianças, por meio de sua “conversão em mercadoria e comercialização”, a despeito de receberem o nome de “manifestação artística”, suscitem respostas de responsáveis e de autoridades para preservar os direitos de proteção à criança, em quaisquer situações, inclusive, para legitimarem sua capacidade de expressão e direito à participação na mídia.

## REFERÊNCIAS

---

- BERGSON, Henri. *O riso: ensaio sobre a significação da comicidade*. São Paulo: Martins Fontes, 2007.
- CARLSSON, Ulla; FEILITZEN, Cecilia Von (orgs.). *A criança e a mídia: imagem, educação e participação*. São Paulo: Cortez; Brasília: Unesco, 2002.
- CARNEIRO, V. L. Quintão. (2009). O que o Ministério das Comunicações se nega a ver. *Observatório da Imprensa*, n. 569, 22/12/2009.
- \_\_\_\_\_. A TV de crianças e adolescentes com câmara à mão. *Comunicar* (Huelva), v. 1, n. 25. Espanha, 2005.
- \_\_\_\_\_. *Um aventura pedagógica: do desejo de fazer cineminha à produção de suas próprias mensagens*. Dissertação de mestrado, Faculdade de Educação-UFRN. Natal, 1987.
- DAVID, Paulo. Os direitos da criança e a mídia: conciliando proteção e participação. In: CARLSSON, Ulla; FEILITZEN, Cecilia Von (orgs.). *A criança e a mídia: imagem, educação e participação*. São Paulo: Cortez; Brasília: Unesco, 2002.
- FEILITZEN, Cecilia Von. Introdução: Educação para a mídia, participação infantil e democracia. In: CARLSSON, Ulla; FEILITZEN, Cecilia Von (orgs.). *A criança e a mídia: imagem, educação e participação*. São Paulo: Cortez; Brasília: Unesco, 2002.
- FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA. Procuradoria Federal junto a FUB. Representação contra o Sistema Brasileiro de Televisão (SBT), em 14 de julho de 2009.
- GIROUX, H. A. *La inocencia robada: juventud, multinacionales y política cultural*. Madrid: Morata, 2003.
- JEMPSON, Mike. Algumas ideias sobre o desenvolvimento de uma mídia favorável à criança. In: CARLSSON, Ulla; FEILITZEN, Cecilia Von (orgs.). *A criança e a mídia: imagem, educação e participação*. São Paulo: Cortez; Brasília: Unesco, 2002.
- LOBÃO, David Denis. Maisa conquista primeiro lugar no Ibope. Disponível em: <<http://cultureba.com.br/2009/01/20/maisa-conquista-primeiro-lugar-no-ibope>>. Acessado em: 10/06/2009
- McCRUM, Sarah; HUGHES, Lotte. *Interviewing Children: a guide for journalists and others*. Londres: Save the Children, 1998.
- MIRA, M. Celeste. *Circo Eletrônico: Silvio Santos e o SBT*. São Paulo: Loyola; Olho d'água. [s/d]
- ROCHE, Maritza López de la; MARTIN-BARBERO, Jesús; RUEDA, Amanda. *Los niños como audiencias*. Santafé de Bogotá; Da Vinci Editores, 2000.
- SANTOS, Silvio. *Sílvio no Pânico*. Entrevista concedida a equipe do Pânico. Disponível em: <<http://blogs.abril.com.br/celebridades-que-causam/2009/06/silvio-no-panico-maisa-querida-que-saudade-voce.html>>. Acessado em: 20/06/2009.

Recebido em março de 2012  
Aprovado em junho de 2012

Vânia Lúcia Quintão Carneiro é professora doutora, associada, da Faculdade de Educação (FE) da UnB, atua na graduação e na pós-graduação, lidera grupo de pesquisa (CNPq) na linha (Educação e Mídia, especial TV) e coordena projeto de Extensão (peac/UnB) em EducaMídia, vania@unb.br